



Eles gostam de Jesus, mas não da igreja

KIMBALL, D. **Eles gostam de Jesus mas não da igreja**: *insights* das gerações emergentes sobre a igreja. São Paulo: Vida, 2011. 271 p.

Marcelo E. C. Dias ¹



an Kimball é pastor da igreja independente Vintage Faith, na Califórnia, e professor de liderança missional no Seminário George Fox, onde cursou o Doutorado em Ministério. Kimball escreveu alguns livros relacionados com adoração, missão e as gerações emergentes, entre eles: *Adventures in churchland*, *The emerging church* e *Emerging worship*.

Eles gostam de Jesus, mas não da igreja foi escrito para líderes preocupados com a missão às novas gerações e as influências das transformações dos paradigmas culturais na percepção acerca do cristianismo. Esse livro se junta a outras obras recentes que abordam a mesma temática como: *UnChristian*, de David Kinnaman; *Engagin Unbelief*, de Curtis Chang; e, *Radical*, de David Platt.

O autor opta por um estilo bastante provocativo, já a julgar pelo título, ao partir da observação de que as novas gerações estão dispostas a falar sobre Jesus, mas não estão interessadas na igreja. O livro não se apoia tanto em estatísticas, mas sim em testemunhos pessoais de representantes das gerações emergentes, os quais refletem as percepções apresentadas no livro. Segundo Kimball, é muito fácil para pastores e líderes ficarem presos às atividades do dia a dia da igreja com os membros e sutilmente perderem contato com a mentalidade das novas gerações.

Kimball observa que o mundo está muito diferente de trinta anos atrás. Um dos demonstrativos utilizados por ele é o fato de que jovens na faixa dos

¹ Doutorando em Missiologia pela Universidade Andrews, EUA. Professor da Faculdade de Teologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). E-mail: mecdias@hotmail.com

vinte aos trinta anos estão cada vez mais raros nas igrejas, pois a maioria parece desistir de religião no momento em que adquirem certa maioria (p. 14-15).

Em uma cultura cada vez mais pós-cristã, as influências e os valores que dão forma às gerações emergentes não se alinham com o cristianismo. As gerações emergentes não têm uma compreensão básica da história da Bíblia e não vislumbra um Deus como o Deus predominante a ser cultuado. Em vez disso, estão abertas a todos os tipos de crenças, incluindo novas mesclas de religiões (p. 13).

Desse modo, uma das características principais da geração emergente seria a possibilidade de ser espiritual sem estar envolvido com uma igreja organizada (p. 74-76). Segundo Kimball, isso não é motivo para desespero, mas de esperança, isso se a igreja apenas recuperar a essência da sua identidade e obtiver coerência na sua atitude para com as gerações emergentes, claramente abertas para assuntos espirituais.

Resumo

126

Segundo sua tese, Kimball começa observando que os cristãos são cada vez mais estrangeiros dentro de uma cultura cada vez mais pós-cristã, por isso seria importante resgatar a atitude dos missionários interculturais e os princípios da missiologia (p. 28). Segundo ele, a tendência dos cristãos de viverem numa bolha, isolados, acentua as percepções equivocadas das novas gerações. Parece que estão mais preocupados em permanecer santos e puros, e tornar a bolha mais segura, do que compartilhar com os demais as boas-novas que conhecem. E quando há alguma interação, a impressão que fica é a insistência em apontar o dedo e reclamar dos terríveis aspectos da “cultura” (p. 43).

A parte central do livro gira ao redor de seis incompreensões comuns a respeito da igreja, à qual é dedicado um capítulo com testemunhos e explicações. São elas: 1) a igreja é uma religião organizada com uma agenda política; 2) ela é crítica e negativa; 3) dominada por homens e opressora das mulheres; 4) quase sempre homofóbica; 5) arrogantemente, pois afirma que todas as outras religiões são erradas; e 6) ela é cheia de fundamentalistas que tomam toda a Bíblia literalmente (p. 68).

Ao considerar essas observações, Kimball sugere alguns princípios gerais para que a igreja venha a ser conhecida também por aquilo que é a

favor, assim como pelo que é contra (p. 79). Ele menciona que é preciso sabedoria para perceber como e quando falar sobre o pecado, o uniformismo (p. 104-113) e sobre a predominância de estereótipos acerca das mulheres, homossexuais e outras religiões. Ainda aponta outras distorções que também servem como obstáculos a comunicação da igreja com essa geração, tal como a ênfase exagerada de alguns pastores, as estruturas físicas e a burocracia eclesial (p. 85-94).

O autor termina o livro com uma nota de esperança, oferecendo sugestões de como a Igreja pode responder às percepções negativas das gerações emergentes. As incompreensões descobertas devem ser transformadas em aspectos positivos da seguinte forma: 1) a igreja é uma comunidade organizada com um coração para servir às pessoas; 2) ela é um agente de mudanças em amor pelo semelhante, da maneira como Jesus faria; 3) tem o maior respeito pelas mulheres e as inclui como líderes; 4) é uma comunidade receptiva e carinhosa; 5) respeita as crenças e as religiões das outras pessoas; e, 6) mantém as suas crenças com humildade e busca contar com teólogos zelosos (p. 253).

O livro ainda inclui um capítulo com respostas às seis principais críticas às ideias do autor. Todas elas sugerem que a razão dessas percepções negativas sobre a igreja está nas próprias gerações emergentes, seja através da influência da cultura pop, mundanismo, pecaminosidade ou extremismo. O autor também aproveita para incluir uma bibliografia sugerida sobre a temática abordada pelo livro, para os que quiserem se aprofundar.

Reflexão

O livro de Kimball é um grande sinal de alerta quanto à possível irrelevância para as novas gerações de segmentos da igreja. Apesar de as observações do livro refletirem o contexto estadunidense, esse perigo existe nos limites das trocas de gerações em qualquer lugar. A globalização é outro fator que deveria levar o leitor a considerar a universalidade dos seus princípios gerais. Fica, de qualquer forma, a ideia de realizar um projeto semelhante no contexto brasileiro e observar como a geração emergente observa a igreja por aqui. O projeto pode ser também reproduzido para contextos religiosos mais específicos: uma denominação ou até uma congregação. Nesse caso, a percepção da igreja como uma religião com agenda política, por exemplo, possivelmente não seria relevante para os adventistas, que tradicionalmente não se têm envolvido com esse meio.

Deve-se manter em mente, durante a leitura do livro, que as observações das gerações emergentes não são sobre a essência da igreja ideal, mas sobre as deturpações visíveis desse organismo. Uma tendência que se nota é a de imaginar que essas observações invalidam a organização, as doutrinas, os estatutos, enfim, a igreja como um todo. É importante a cautela nas críticas para que, parafraseando o ditado, não se jogue fora o bebê juntamente com a água da banheira (e por que não a própria banheira).

É preciso salientar a existência de certa tendência por parte do autor em ser favorável ao movimento da igreja emergente que, entre outras características, apresenta uma visão bastante negativa das estruturas denominacionais tradicionais. Kimball deixa claro ser a favor da organização, mas não necessariamente da religião organizada (p. 84). O outro livro que deve ser lido junto com esse é intitulado *I like Jesus but not the church: following Jesus without following organized religion* [Gosto de Jesus, mas não da igreja: seguindo Jesus sem seguir uma religião organizada].

Aplicação

128

As observações acima não enfraquecem o sinal de alerta de Kimball, pois é o fato que as novas gerações têm questionado as incoerências do cristianismo prático. No início do século XXI, é necessário refletir e responder à provocação do autor: “não deveria ocorrer que quanto mais tempo somos cristãos e quanto mais andamos com Jesus e entendemos a graça de Deus, mais desejamos ver outros experimentarem a mesma graça?” (p. 41).

O passar do tempo parece ter um efeito de acomodação natural e formação de uma bolha na vida do cristão ao passo que as rotinas da igreja, seu jargão, literatura, organização e alguns dos pastores mais evidentes tornam-se familiares. Às vezes, parece que seria necessária a inserção em contextos completamente diferentes, como culturas budistas, muçulmanas, seculares, ortodoxas, para se refletir em “como a sua vida seria diferente se você não conhecesse Jesus?” A resposta não deve nascer de arrogância ou dó, mas do relacionamento genuíno com Cristo e da compaixão e interesse sinceros pelo semelhante que ativam o testemunho cristão.

Kimball sugere que se não for assim, as percepções negativas serão reforçadas pela atitude da Igreja (p. 81). Não parece ser possível que o movimento cristão mantenha sua ousadia, inovação e relevância a não ser com o envolvimento mais direto daqueles que vivem intensamente as

mudanças no seu dia a dia e que serão as pontes para alcançar os demais com a mensagem do evangelho.

Durante toda a leitura, o argumento natural para descartar as incômodas opiniões e observações sobre a realidade da igreja é: porque me importaria com o que as pessoas pensam ou falam sobre a igreja (ou sobre mim)? Kimball, atento a essa objeção, possivelmente a mais difícil, cuidadosamente alinha os argumentos demonstrando que a opinião das pessoas sobre a igreja está diretamente relacionada à sua eficiência na missão.

Portanto, a autenticidade requerida pelas gerações emergentes deveria levar a igreja a um sério exame da sua identidade, o que também não pode acontecer numa bolha. O exercício não é cômodo, mas necessário. Sem se tornar refém ou acuada pelas observações, a autenticidade da igreja deve transparecer como um vislumbre dos princípios e realidades do reino de Deus. Aqueles que gostam de Jesus certamente estão no caminho da salvação. A preocupação ainda maior deveria ser com aqueles que possam gostar da igreja, mas não de Jesus (e de sua missão). *K*

Enviado dia 15/12/2011

Aceito dia 20/04/2012

